



Seu País

Empresário da política

CÂMARA Eduardo Cunha mira na presidência, a despeito de seus nebulosos passado e presente. Se eleito, complica a vida de Dilma

POR ANDRÉ BARROCAL



Em decorrência da Lava Jato, contra ele a Procuradoria-Geral da República pedirá abertura de inquérito ao STF





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 40

Crises. A agricultura é a primeira vítima da falta d'água. Mas há também a energia ameaçada...

O FRANK Underwood nativo está a um passo do paraíso. Com apoio explícito de parte da oposição e boicote tímido do governo, Eduardo Cunha, líder do PMDB, é favorito para eleger-se presidente da Câmara no domingo 1º. E faz planos capazes de sacudir a República. Tentará aumentar seu poder em Brasília e seus tentáculos no governo, tomar as rédeas do partido, implodir a aliança com o PT e casar peemedebistas e tucanos. Mas alguém capaz de tamanho ímpeto corre lá os seus riscos. O de Cunha é terminar como um novo Severino Cavalcanti, folclórico deputado obrigado a renunciar ao comando da Casa com sete meses de mandato sob a acusação de receber um “mensalinho”.

A Procuradoria-Geral da República deverá pedir em breve ao Supremo Tribunal Federal a abertura de inquérito contra Cunha em decorrência da Operação Lava Jato. Além de Fernando Baiano, recolhedor e entregador de dinheiro sujo no PMDB, e Alberto Youssef, doleiro, ele parece ter razões para se preocupar também com um personagem coadjuvante da Lava Jato, um operador do mercado financeiro já interrogado pela Polícia Federal. Eric Bello era sócio de uma corretora de valores, a Turfa, que em 2002 ajudou a dar prejuízo de 25 milhões de reais ao fundo de pensão dos servidores cariocas, o Rioprevidência. Em nome do Rioprevidência, ele comprava papéis por valores acima do mercado, uma forma de desviar dinheiro do Fundo. Seu *know-how* foi usado depois em outro fundo de pensão do Rio, o Prece, quando parte da diretoria era composta de indicados de Cunha.



Severino Cavalcanti. Uma triste lição que ao líder do PMDB convém aprender

O deputado gosta de apadrinhar gente em fundos de pensão, talvez por razões que Bello conheça. Em 2007, ele segurou a renovação da CPMF até o governo Lula topar nomear para o comando de Furnas um indicado de Cunha a quem caberia designar a diretoria do fundo de pensão da estatal, o Real Grandeza. Este episódio é um dos motivos para o ex-ministro Ciro

Único usuário e beneficiário do áudio de uma badalada conversa fajuta, ele próprio

Gomes reservar palavras carinhosas para Cunha: “Esse cara deve ser, entre mil picaretas, o picareta-mor”.

A eventual instalação de um inquérito contra Cunha no STF não é atestado de culpa. Em público e em conversas reservadas no PMDB, ele sempre nega envolvimento nas tramoias da Lava Jato. Para ele, a notícia de seu envolvimento é obra de inimigos. Quando a história ganhou corpo há algumas semanas, declarou-se vítima de uma armação. A prova seria o áudio de uma conversa entre o que parecem ser um assessor de Cunha e um achacador.

Quem ouve a gravação não tem dúvidas sobre ser uma montagem, como disse à imprensa o presidente da Associação Nacional dos Peritos Federais, André Morrison. O diálogo soa artificial, e a qualidade do grampo não lembra uma gravação telefônica. Cunha cobra do Ministério da Justiça a descoberta da origem do áudio e informações sobre como ele seria utilizado. Ele diz ter recebido o material juntamente com uma dica: alguém da cúpula da PF estaria tentando prejudicá-lo.

Até agora, o único usuário e beneficiário do grampo fajuto chama-se Eduardo Cunha. Foi ele quem o divulgou, ao posar de vítima. Hipótese: teria sido ele o responsável pelo áudio, montado com o objetivo de salvar sua candidatura à presidência da Câmara e tentar safar-se na Lava Jato? Não seria a primeira vez que, em meio a uma suspeita de corrupção, Cunha seria socorrido por falsificações.

Em 2010, ele foi denunciado à Justiça por usar documentos falsos ao se defender, no Tribunal de Contas do Estado (TCE) do Rio, da acusação de ter cometido

Seu País



irregularidades como presidente da companhia estadual de habitação em 2000. A fajutice da papelada foi asseverada por um instituto de criminalística. O autor acabou condenado pela Justiça carioca em 2012. Como Cunha é deputado, seu processo subiu ao STF e, em 2013, virou a ação penal 858. Foi arquivado no ano passado. Segundo o relator, Gilmar Mendes, não havia provas de que o parlamentar soubesse da falsidade.

Enrolado ou não na Lava Jato, o líder peemedebista tirou proveito do assunto na disputa pelo comando da Câmara. Um deputado eleitor dele conta que Cunha foi procurado por parlamentares receosos de cassação por vínculos com doleiros. Eles querem ajuda do próximo presidente para preservar o mandato. Consta que Cunha teria se prontificado a “matar no peito”.

À frente da Câmara, Cunha terá mais poder não apenas para proteger colegas, mas para dar vazão a seu, digamos, tino comercial. Embora seja eleito pelo Rio, anda obcecado com a construção de outro aeroporto em São Paulo, sonho

de duas das maiores empreiteiras e financiadoras de campanhas do País, a Camargo Corrêa e a Andrade Gutierrez. A obra tem custo estimado em 5 bilhões de reais. Depende de uma lei que Cunha esforçou-se por aprovar em 2014. Um ministro do governo jura ter ouvido do dirigente de uma das empreiteiras que, com a lei votada, haveria alegria suficiente para ajudar Cunha dar apoio financeiro a uns 200 candidatos a deputado na última eleição.

Cunha está sempre presente onde há interesse econômico contrariado e uma oportunidade de obter vantagens. Trata-se, como definiu o deputado Chico Alencar, do PSOL, de “um empresário da política”. Exemplos disso não faltam. No ano passado, Cunha assumiu a relatoria de uma MP destinada a resolver um antigo impasse sobre a tributação de lucros de empresas no exterior. Dilatou de cinco para oito anos o prazo de pagamento de impostos atrasados e cortou pela metade o valor da parcela inicial. O Tesouro Nacional pode até ter arrecadado menos do que poderia, mas as empresas economizaram um

No elenco. Rossetto defende a estabilidade. Gilmar Mendes está com Cunha, Manoel Júnior também

bom dinheiro. E bem às vésperas das eleições. Consta que ficaram tão felizes, que separaram alguns milhões para financiar a campanha de indicados pelo líder peemedebista.

Em suas tentativas de viabilizar o novo aeroporto, Cunha contou com a colaboração de um obscuro deputado do PMDB da Paraíba a quem quer ver como sucessor na liderança do partido, e assim, conservar o poder na bancada enquanto espraia-se por outras veredas a partir da presidência da Câmara. Manoel Junior foi o autor das emendas pró-aeroporto incluídas em medidas provisórias assinadas. Uma das emendas Dilma vetou. A outra, caducou juntamente com a MP.

Com a eleição a pleno vapor, Junior usou a relatoria de outra MP, a tratar de farmácias, para tentar acabar com repartições regionais de inspeção de

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL, JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL E GUSTAVO LIMA/CÂMARA DOS DEPUTADOS



frigoríficos. Ficaria tudo no Ministério da Agricultura. Ele dizia que a ideia partira do ministério. O secretário de Defesa Agropecuária da pasta, Rodrigo Leite Figueiredo, é um indicado de Cunha. Esta centralização abalaria pequenos abatedouros, acostumados a normas estaduais e municipais mais flexíveis. E seria uma festa para os grandes. Notadamente a JBS Friboi, maior mecenas da política nacional. Em 2014, a multinacional doou 365 milhões de reais para campanhas, uma “tentativa de compra do Parlamento”, segundo o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Dias Toffoli.

Cunha é um entusiasta do patrocínio empresarial de candidatos e partidos, talvez pela facilidade de arranjar recursos. Fez uma das campanhas mais caras para deputado em 2014. Arrecadou 6,8 milhões de reais, quase tudo oriundo de empresas. Ao pedir votos para comandar a Câmara durante um ato na Força Sindical na segunda-feira 26, insinuou que, no comando da Câmara, vai trabalhar para incluir na Constituição o aval ao financiamento

empresarial. Seria uma forma de esvaziar o julgamento do assunto no STF, onde se discute se tais doações estão de acordo com o espírito constitucional. O processo está parado há dez meses graças a Gilmar Mendes, aquele que comandou a absolvição de Cunha no caso do uso de documentos falsos.

A influência do poder econômico na democracia é uma preocupação global. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, entidade a reunir 34 países ricos, realizou em dezembro um fórum sobre o tema. Na

Fé e dinheiro inspiram a religiosidade de Cunha, do time da Rádio Melodia

abertura, seu secretário-geral, Angel Gurría, falou em “consenso crescente de que a captura da política por uma elite rica através do financiamento dos partidos e das campanhas representa um perigo para a integridade de nossos sistemas democráticos”.

A religião é o outro pilar da carreira política de Cunha – fé e dinheiro costumam formar um dueto. Radialista, é do time de apresentadores da Rádio Melodia, campeã de audiência e entre neopentecostais no Rio. Em Brasília, respaldou a chegada do deputado-pastor Marco Feliciano ao comando da Comissão de Direitos Humanos. Combate o casamento gay, o aborto até em caso de estupro e avisa: na presidência da Câmara, será um obstáculo à criminalização da homofobia. “Tenho um forte eleitorado evangélico, que não me faltou”, disse Cunha ao se reeleger com a terceira maior votação no Rio, 232 mil votos. Só tinha um lamento: “Perdi muitos votos para o Bolsonaro”, o deputado-militar saudosos da ditadura que gosta de chamar Dilma de terrorista.

Seu País

Na campanha pelo comando da Câmara, Cunha correu o País ao lado do Pastor Everaldo, o presidenciável das bandeiras reacionárias. Os contrerrôneos já foram sócios e continuam amigos. Mais conhecido no País por ter concorrido há pouco ao Planalto, o Pastor serviu como uma espécie de cartão de visita do deputado em Belém, Aracaju, Maceió e João Pessoa. Uma justa retribuição, aliás. Segundo um conhecedor dos meandros do PMDB, Cunha e a sucursal carioca do partido planejaram e bancaram financeiramente a chapa presidencial do Pastor. O objetivo? Ajudar o tucano Aécio Neves, por meio das duras críticas dirigidas a Dilma pela propaganda de Everaldo.

Cunha é um adversário ideológico do PT, como ele mesmo gosta de repetir. Ao cabalar votos para dirigir a Câmara, teria sinalizado a intenção de tomar o poder no PMDB e levá-lo a fundir-se com o DEM, outro inimigo ideológico petista. É um plano com cheiro de conspiração contra o vice-presidente da República, Michel Temer. Consta que, ao acenar com tal proposta ao vereador Milton Leite, do DEM paulistano, Cunha lhe teria prometido o controle do partido em São Paulo. Se for verdade, o rearranjo ameaça a reeleição do prefeito da capital, Fernando Haddad. O petista acaba de incorporar em seu secretariado o peemedebista Gabriel Chalita, cotado à candidatura para vice-prefeito em 2016. Chalita é ligado a Temer, por ora de influência decisiva em São Paulo.

Pelo conjunto de ideias e obras, Cunha está longe de ser um nome do gosto do



Chinaglia. O anti-Cunha, Dilma até hoje não o premiou com sua palavra

Planalto para comandar a Câmara. E não só pela volúpia por poder. O fim das doações empresariais em eleições é o coração da reforma política planejada por Dilma. Punir a homofobia foi uma promessa eleitoral da presidenta. Endurecer as leis contra a corrupção de agentes públicos será tema de um pacote preparado pelo governo. De quebra, a ligação de Cunha com a oposição deixará sempre no ar o fantasma do *impeachment*, pois cabe à Presidência da Câmara aceitar



Pepe Vargas. O ministro das Relações Institucionais vai entrar na briga

ou engavetar um pedido desse. No cargo, diz um ministro, Cunha “será uma faca no pescoço do governo o tempo todo”.

O Planalto foi discreto em favor do candidato do PT, Arlindo Chinaglia. Em público, Dilma não tocou no assunto. Nem houve declarações de ministros em favor de Chinaglia, embora o secretário-geral da Presidência, Miguel Rossetto, tenha dado uma pista dos

sentimentos palacianos em café com jornalistas: “Interessa ao governo estabilidade na relação com o Congresso”. As nomeações para cargos, arma de atração de aliados, foram adiadas, para não parecer “interferência” do governo, segundo o coordenador político do Planalto, Pepe Vargas. De todo modo, individualmente e nos bastidores, os ministros andam ativos. Na quarta-feira 28, cinco deles almoçaram com Chinaglia. Na véspera da eleição, quatro serão exonerados para assumir o mandato de deputado com a missão de trabalhar pela vitória de Chinaglia: Pepe Vargas (Relações Institucionais), Patrus Ananias (Desenvolvimento Agrário), George Hilton (Esporte) e Edinho Araújo (Portos).

A esperança dos petistas é vencer com a ajuda do PSDB. Eles apostam que a imagem ruim do líder peemedebista pesará mais entre os tucanos do que o desejo de derrotar o governo. Parte da bancada do PSDB já cedeu, porém, aos encantos de Cunha, graças ao deputado Carlos Sampaio, um dos chefes da candidatura presidencial de Aécio Neves. Já a cúpula tucana, com Aécio, FHC, Geraldo Alckmin e

José Serra andava reticente. Memória do triste fim de Severino Cavalcanti? •